



Gaiato



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 108
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
17 de Abril de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

MAIS EMISSORA

AQUI, LISBOA

Quis o Secretariado da Propaganda Nacional fazer um documentário da nossa «aldeia» em Paço de Sousa. Quis e fez. Foi um semana muito difícil. Numa Instituição de rapazes aonde o trabalho é todo feito por rapazes, facilmente se compreende a desordem que deve ter reinado em todos os sectores da vida, enquanto duraram os trabalhos do filme. Só visto! Mas ficou bem. Ficou muito bem. E' verdadeiramente um documento da obra, muito embora corra nundo à laia de fita cinematográfica. Ali aparece a nossa vida tal-qual: Escolas, capela, oficinas, sementeiras, esfolhadas, vindimas, cozinha, enfermaria, rouparia, campo de jogos, piscina, estabulos, cordeirinhos e bezerros, — e 160 rapazes desde a mais tenra idade aos já maduros, cada um a dar conta da sua obrigação. Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.

O documentário apresentou-se em Lisboa no Eden, em primeira mão. Foi ali a sua estreia. Esteve quinze dias na tela. Dizem que mais de 25000 almas o viram. Se assim foi, podemos dizer que meia Lisboa o conhece, porquanto ninguém deve ter sabido guardar segredo, depois de ter visto o que viu. Muitos devem ter chorado de alegria, pelas cartas que me chegavam à mão, enquanto a fita ali esteve. Mas nem todos acreditaram. Houve quem duvidasse se aquilo que viam, era realidade ou ficção. Vinha-se a Paço de Sousa tirar a prova real. Trezentos quilómetros cheios de ansiedade:—Será? Não será? Corria-se a passos de gigante, que o coração não suporta distancias! Outros, por menos afortunados, ficavam em Lisboa com a sua dúvida no peito:—será verdade ou é fita? E em uma bancada, sei eu de um grupo que cortou a direita, assentando ser aquilo rapazes alugados e casas de papelão, mas que tudo estava muito lindo e muito bem feito. Tiremos daqui duas lições. A primeira, seja do juiz que o mundo faz das coisas que não entende e de como é doce afirmar. Não se acredita hoje na verdade dolorosa. Tudo quanto seja amargo e difícil e heroico. Tudo quanto seja gastar energias por uma causa justa e humana, não pode ser verdadeiro. São rapazes alugados e casas de papelão. Quizeram estes senhores sair do teatro naquela noite com a imaginação ocupada e o coração vazio. Não se acredita hoje na verdade dolorosa. Esta seja a primeira lição. Que nenhum dos meus ouvintes a tome por sua, — nenhum. A segunda, há-de ir buscar-se à força da rotina. A rotina nos metodos de educação em instituições de rapazes congeneres. Tanta força ela tem, que arrastou senhores de Lisboa a Paço de Sousa com o firme e unico proposito de vêr a Obra em carne e ósso. Os nossos pequeninos cicerones, ocupados em mostrar a nossa aldeia a estes visitantes, perguntados quem eles eram, respondiam com infinita graça:—São uns senhores de Lisboa a vêr se nós somos iguais à fita. Foi por estas indicações pitorescas que eu cheguei a compreender visitas de tão larga distancia e subido interesse. Era um tira-teimas.

Falando de novo em rotina, vem de muitos anos a maneira de assistir e conduzir esta sorte de creanças. E' doutrina assente na pedagogia, que não na propria natureza humana, por isso mesmo é errada. E' errada mas vinga. Tem vingado. Tem raízes prestadas por homens honestos e zelosos e bem intencionados. Não se põe o problema de fazer melhor, tão pouco se reconhece essa necessidade. Chama-se ao rapaz o internado. E' um internado. A casa tem um regulamento e

tudo acabou aqui. E' esta a doutrina corrente. Ora os senhores viram outra na tela do Eden e vieram por aí fora buscar a confirmação. Das impressões que colheram, não posso dizer nada. Não falei com nenhum deles. Mas se de tão longe vieram movidos por recta intenção, é certo que algo de novo encontraram. Quando o coração está limpo, os olhos veem claro. Sim. Uma palavra nova. Uma coisa nova. O Evangelho em sangue. Nem pautas, nem verbas, nem estatutos, nem regulamentos. Eles não viram nada disto no documentário, tão pouco no documentado. As nossas casas não são sepulcros, nem os nossos rapazes andam amortalhados. Cristo ressuscitou dos mortos e deixou a mortalha no tumulo.

Sim. Viram uma coisa nova. Aqui há tempos e ao cair da tarde, apareceu em Paço de Sousa um monge beneditino, belga de nascimento. Visitador oficial de abadias beneditinas em todo o mundo, e muitissimo interessado em conhecer obras sociais da Igreja, quis vêr esta obra antes de sair de Portugal. Percorreu todas as dependencias da nossa aldeia. Desceu ao mais insigni-

(CONCLUE NA PÁGINA 4)

Escrevo de Coimbra, onde não posso passar sem ouvir os ais dos antigos «mirantes».

Que saudades isto me deixa. Os mesmos Pobres, as mesmas lamentações: a doença, a velhice, rendas de casa, saudades das colónias de férias... Mas não posso dispôr de tempo para chorar com os que choram, nem peregrinar pelas dolorosas estações destes Pobres de Cristo. Lisboa, a grande Babilónia absorveria a actividade dum milhar de Vicentes de Paulo quanto mais a dum pobre mortal. Ali tudo é grande, sobretudo a miséria. Já tentei três vezes visitar as furnas. Impossível! E' tal a maltrapilha que cai sobre nós, que temos de fugir a tempo para não morrermos asfixiados. Se nos voltamos para outras paragens sucede o mesmo. Passei há dias pelo Albergue. Mil e trezentas pessoas? Farrapos antes me rodearam a perguntar num côro unânime—«é V. que vem dar missa? Venha que morreu o nosso Capelão!» E depois, lá pelos Tojais e arredores, que imensa seara sem ninguém que olhe por ela. «Estamos para aqui, dizia um bom homem, como um rebanho sem pastor.» Nun-

(CONCLUE NA PÁGINA 3)

NOTA DA QUINZENA

Aqui há tempos veio dar ao Lar do Porto um miudo, que se pretendeu furtar ao possível contacto da doença de seu Pai. Este já faleceu, mas o miudo ficou no Lar, até vêr. Ontem estava eu ali a marcar as horas em que os rapazes deviam seguir para Cêto, passar a Páscoa na nossa aldeia. Estavamos todos. Era uma hora cheia. Cada um com o dinheiro do bilhete, a porta da rua aberta, o comboio em S. Bento, a fumar — hora cheia. O pequenino orfão também estava, mais resignado do que contente. Nisto aparece a mãe. A mãe d'êlo. Mal a vê, vai direitinho a ela, a chorar de alegria. Tudo desapareceu da vista do rapaz; companheiros, viagem, páscoa,—tudo. Estava ali a sua mãe. Ele só via a mãe. Esta não pede nada, mas gostaria de ficar com o filho no domingo de páscoa... Se pudesse ser. Sim, disse eu. Pode ser. O filho tem de ir ao andar fundeiro, vestir-se de lavado. Anda, vai-te vestir, diz-lhe o chefe. Mas êle não quer ir sem a mãe. Tem medo que ela lhe fuja. A porta da rua está aberta... E obriga a mãe a ir com êle ao andar fundeiro, vestir-se de lavado. Anda minha mãe, venha a mais eu. A mãe não quer ir. Faz violência. Está numa casa estranha. Iria se a mandassem. Mas o filho não entende assim. Ele só vê a mãe e o medo que ela lhe fuja. Insiste. Empurra. Anda! Toma a casa como sua. Tudo ali era d'êlo. Estava a mãe, e quem tem mãe tem tudo. Naquêlo momento, êle era o pontífice. Riscou. Imperou. Levou a mãe aonde quis e foi com ela para casa. E a páscoa, a viagem, os companheiros?!

Tivessem eles mãe da qualidade d'esta, e tudo deixariam por seu amor. Não teria cá nenhum, e assim vieram todos, menos êle. Quem tem mãe tem tudo.

Esta creança, prégou a família como laço natural e insubstituível. Não digo mal das Casas do Gaiato, nem de qualquer outra forma de assistência à Creança. Não digo. Mas tenho pena de ver a creança fóra do que é seu: Famílias. Quando me dizem que devia haver mais casas do Gaiato, uma em cada concelho, eu não sou da mesma opinião. O mínimo d'estas, o máximo

d'aquelas. Famílias sim. Esta é a vontade do Criador, por isso mesmo é Regra. Que bem pode trazer o filho dos divorciados a sentença do juiz? O pequenino d'esta nota da quinzena, disse com os olhos e com o gesto, ao vêr a sua mãe, que é falsa a lei e que são falsas as sentenças e que o Bem dos filhos está nos Pais e o Bem das sociedades, nas Famílias. Menos Casas do Gaiato. Quê? Desfazer o que me nasceu no peito? Não. Regosijar-me por um Bem maior: As saias da mãe.

Continuemos. Façamos hoje uma nota muito extensa, visto como, no dizer dos leitores, não se perde aqui pitada. O Pai do rapaz, tipógrafo de profissão, ao sentir a hora aproximar-se, quis um sacerdote. Não acreditou nos amigos que lhe diziam que não. Que o caso não era extremo. Não acreditou. Veio o padre. Depois de preparado para o caminho da sua morada, informa que ali perto está um seu vizinho e colega mais doente do que êle; vá lá também, meu padre. Morreram os dois com poucas horas de diferença! Salvou-se o primeiro. Como? Salvando os segundo—vá lá também, meu padre. E' salvando o mais, que nos salvamos a nós. O pequenino filho do tipógrafo, hoje da nossa obra, prégou os laços da Família. O pai, também foi prégador da maior verdade eterna: salvar-se. Gosto d'estes prégadores.

Ai! Não senhor. Remédios espirituais não. Sacerdote, muito menos. Assustar o doente, — nunca. Estamos fartos de ouvir e de saber esta doutrina, em famílias de capela e de braço. Um caso: Algurea, adoecce gravemente alguém. Família Católica. Um amigo do doente, que o não era, vai vê-lo e como fosse um seu grande amigo e sobesse da gravidade da doença e conhecesse o credo da família, mui natural e logicamente perguntou se já tinha vindo o padre ministrar os sacramentos. Oh palavra!

— Mas então os senhores não acreditam?

— Acreditamos, sim, mas agora não. Queremos salvar o doente. Não o podemos assustar!

Que a lição do tipógrafo moribundo, seja luz para os medrosos.

Uma Carta

Não é uma carta inteira. São fragmentos.

«Pobre rapaz. Não venho pedir nada, unicamente o relatar a s' visita. Meio esfarrapado, cara de fome e abandono, disse-me que já não estava em D. João IV. Trabalha n'uma oficina de automóveis na Constituição ou por ali, e dorme o come em casa d'uns Tios, como V. deve saber. A vida dele é como a de tantos outros, falta de tudo sobretudo carinho, e agora que compara com o seu antigo viver, sofre com a mudança, é claro. Que queria êle? Entrar novamente para o seu antigo logar de refeitoreiro, mas longe do Porto onde uma sua Tia (diz) o não podesse desinquietar. Que constantemente fala mal etc. e por isso pretendia lhe perdoassem e o admittissem outra vez, mas longe. Confesso que me fez pena o pobre rapaz. Será possível? Será V. o Juiz, n' certeza que não quero por nada alterar resoluções, pois sei bem o mal que isso faz. No entanto as suas lágrimas não mentiam».

Trata-se do Rodrigo de Gaia, que uma sua tia parece ter induzido a fugir da casa de D. João IV, aonde era refeitoreiro; e o rapaz assim fez. Um dia, foi ao dormitório, vestiu a roupa do domingo e andou.

Deve ter parecido mal à sua tia vê o rapaz, já de catorze anos feitos, a ser creado dos seus companheiros, limpando as mesas aonde eles comem e servindo-lhes a comida. Assim tem sucedido com outros. Tenho aqui uma carta do padrinho de um dos nossos, aonde diz terminantemente que não quer que êle seja cozinheiro. Ele é cozinheiro de uma das nossas casas. Não se importou, êste padrinho, de vê o seu afilhado a vadear pelas ruas; mas cozinheiro não. Servir os seus, ajudar, fazer-se homem pelo trabalho, — isso não! De maneira que a nossa divisa obra de rapazes para rapazes pelos rapazes, não é bandeira fácil de rasgar, mas é sim muito sacudida pelos ventos. Eu desejo aqui perguntar ós padrinhos e ós tios, quais os membros do seu corpo que mais facilmente poderiam dispensar, só para ouvir a resposta única, que todos lhes fazem falta. Pois assim é com o trabalho. Todos os mestres são precisos para o corpo social em que vivemos. Todo o trabalho é digno. Desde que o Filho de Homem elegeu o humilde officio de carpinteiro, colocou junto de Si todos os trabalhadores. Mas continuemos. A tia levou o seu rico menino e empregou-o numa garagem, como a carta diz. Outra asneira. Ninguém, como a Obra da Rua, tem possibilidades de arranjar colocação aos seus filhos. E' uma verdade da experiência. E' a bondade dos que podem a chamar por eles. Os nossos que trabalham e vivem no Lar do Porto, aonde o Rodrigo estava, mandam todos, todos os meses, alguma coisa a suas famílias. Se algum é da cidade, vai pessoalmente entregar. Há deles que mandam cem e mais escudos. Que ajuda importante! Pois a tia do rapaz, se quizesse esperar o dia em que nós dessemos o sobrinho por apto a um emprêgo, receberia mensalmente a sua visita e parte da soldada. E' a regra. A nossa regra. Os rapazes do Porto, que leem estas linhas, são testemunhas. Mas não. Quis ela tomar a iniciativa sem nos consultar. Resultado: *Cara de fome. Esfarrapado.* A tia levou o sobrinho para fazer d'êle muleta. E o rapaz, que hoje percebe tudo, vive tão triste, que quer sair do Porto para um lugar aonde a sua tia o não possa desinquietar. E' assim mesmo. Porque procurou o seu bem, em vez de procurar o bem do orfão, êle hoje detesta-a. Quer fugir de ao pé d'ela. Eis o fruto da injustiça.

Estes casos não-de repetir-se necessariamente. E' mais fácil tirar o malcreado das ruas, do que libertá-lo da família, depois de bem creado. Temos, até, nesta data, um rapaz em uma das nossas casas, cuja família o deseja e êle morre de medo. Não quer ir. Não deseja ir. Já se mandou um S. O. S. ao Magistrado da Comarca, que nos ajude a salvar o perseguido. Vamos a vêr.

A alma da Obra da Rua não é só tirar o Rapaz da rua. E' também, e muito principalmente, libertá-lo dos laços de quem os deu à luz. Eu cá não sou contra a família. Não posso ser contra a família, — mas sei de onde vem a perversão d'esta sorte de gente. Os que se interessam por problemas sociais, também sabem de onde procede a perversão das creanças abandonadas. Sabem sim senhor. Sabemos sim senhor. Antes não soubessemos, que menos culpa teríamos! E' a Barraca. A barraca de tabuas no meio das cidades é o laboratório! Se as sociedades fossem

A nossa Páscoa

A' mesa houve amendoas para a maioria, 15 delas a cada um. E aonde não chegaram as amendoas, chegaram ovos tingidos e caramelos, que de tudo isso nos mandaram. Também houve pão leve para os Batatas e mais alguns. Remediamos a todos com o que temos e todos ficam contentes.

As amendoas foram distribuidas imediatamente antes de servir o jantar. Poeta e Carlos e João mais eu, colocavamos o quinhão de cada um ao pé de cada prato, na mesa de jantar. Amendoas! Amendoas de muitas cores! Olhos alegres e faiscentes atravessam os vidros das portas e das janelas: *olha, lá estão as minhas!*

Tenho dito mal das portas de vidros, porque mos quebram, mas agora não digo!...

Vieram os do Porto. Todos os rapazes do Lar do Porto. Fechou-se a casa. As senhoras também foram à sua terra. As senhoras da Casa do Porto, são três irmãs que se revezam, consoante os serviços da casa delas e da nossa casa. Estão sempre duas, mas não são sempre as mesmas. Ora os rapazes andam muito contentes quando a Menina Felisbela não está. *Ela é brava*, dizem. Gostam mais da Domicília e da Aida. Sobretudo desta última. Porém, ultimamente, tenho ouvido queixas dela, quando appareço no Lar. Os rapazes queixam-se também da Menina Aida: *Ela agora também é brava!* Pica os mansos e verás quem são os bravos, diz o povo. *Dá certo!* Está aqui a prova. De mansa que era, tornou-se brava a menina Aida, de tanto picada! Parabens. Se ela tivesse embravecido há mais tempo, não teríamos tido tantas cabeças rachadas e negras nos olhos e o mais que por lá tem apparecido e aqui se não diz...

Pois é verdade. Estiveram os rapazes do Porto.

O Piriquito perfumou alguns deles. Os mais velhos. Os mais vaidosos. Andavam todos à roda do Barbeiro: *bota-me cheirinho!* E Piriquito botava cheirinho. Justamente nesse dia, tinha chegado uma encomenda postal com amendoas e um frasco de perfume para o Piriquito, das *Funcionárias do Porto que têm um jardim à porta*. Ora foi esse frasco que andou. Toda a «aldeia» rescendia. Eu cá antes queria sabão. Sabãozinho. Já tenho mandado rapar cabelos perfumados em cabeças sujas! Eles sabem disso. A base é o sabão. A limpeza é o sabão.

Foi no refeitório dos Batatas que os do Porto comeram. Primeiro comiam aqueles. A seguir, estes. O Chefe deles, o Júlio, servia-lá à cozinha pela comida e servia cada um. No fim, comia ele. Fez exame. Ficou bem. Chefe quer dizer servo. Domiram em uma enfermaria do hospital, todos, sobre colchões. Que linda hora para ditos e graças!... Mas não. Júlio levanta a voz. *Rapazes; hoje somos hóspedes, temos de dar o exemplo.*

E deram. Obedeceram ao Chefe. Porquê? Porque ele os serviu à mesa. Por mais nada.

Este ano, appareceu uma coisa que não era costume: o Judas. O Zé Sá entrou pela cozinha dentro com um espantalho enfiado num pau. Os Batatas deram em fugir, assustados. Uma grande desordem dentro da nossa ordem. E mais nada.

Visado pela Comissão de Censura

normalmente constituídas, em vez de guerras de sangue, haviam de fazer guerras de paz. Todos os capitais. Todas as forças. Toda a compreensão. Tudo dirigido e comprometido na guerra à Barraca.

Torno a dizer: Não sou contra a família. Não quero sequestrar. Desejo, sim, libertar. Que estes nossos d'hoje desabrochem, cresçam e vivam outros conceitos, para amanhã, homens, poderem constituir e dar à sua família o que receberam de quem os adotou. Eis o que se pretende. Por isso mesmo apelei para o Magistrado da Comarca. São eles que têm a Jurisdição. Eles são a lei; nós somos a boa vontade. E' necessário que as duas forças se deem a mão. Os nossos rapazes já deram fé. Eles sabem. Eles têm a intuição. Exemplo: Veio uma comissão ter comigo, há dias, por causa de alguém de família que pretende desinquietar um companheiro. Queriam a minha interferência no caso: *Peça do Governo que não deixe.* Eles querem um remédio grande para êste grande mal.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

Por PEDRO JOÃO

Lisboa continua a dar!
1 No domingo veio cá uma senhora de Montemor-o-Novo que nos trouxe uma galinha com treze pintos, um porco morto numa salgadeira e cinquenta litros de azeite. Trazia também um Jipi, mas não era para nós.

Logo que os gaiatos viram o Jipi correram direito ao Sr. Padre Adriano, dizendo:—já veio o Jipi já cá está dentro e o Octávio porteiro, já fechou o portão com a tranca maior. Era verdade o Jipi já cá estava dentro mas não estava a vontade de o deixar ficar e tornou a ir embora. Depois um dos gaiatos dizia: ainda não foi êste que cá ficou, mas há-de vir se Deus quiser!

2 A nossa Páscoa começou logo no sábado. Rente a noite, chegou o senhor Gerente do Montepio com o automóvel, como de costume, trazer uma carrada de embrulhos. A senhora D. Herene gosta muito que os gaiatos assistam ao desembulhar dos pacotes para verem o que vem.

O primeiro embrulho era um par de patins novos, o segundo dez quilos de amendoas e cinco quilos de rebuçados, cinco bolos de meio quilo, que a filha dela nos ofereceu, mais sete camisolas de lã, ainda mais um fato para o nosso príncipe e algumas assinaturas. Depois deu-nos uma mão cheia de rebuçados a cada um e assim terminou o sábado. No Domingo estreamos os patins nos corredores de mosaicos e também o chão umas poucas de vezes, cada vez que caía algum era uma festa.

Durante o dia vieram muitas amendoas e de Bucelas vieram quatro dúzias de ovos.

3 A Companhia do Gás e Electricidade, tem sido muito amiga dos Gaiatos da casa de Lisboa. Há um Senhor do Conselho de Administração que pede aos outros Senhores todos, e nós temos-lhe mandado o jornal para eles saberem o que é a Casa do Gaiato. A Comissão do Montepio Geral está muito grata ao Sr. Dr. De Stoop pela colaboração que lhe tem prestado.

Esperamos que êste senhor continue a lembrar-se de nós e venha um dia visitar-nos ao Tojal. A Companhia também deu cinco contos e forneceu-nos o carvão que estamos a gastar e dá muito bom resultado, com um desconto de dez por cento. Ficamos muito contentes quando o vimos chegar, pois a lenha que gastamos temos que ir buscá-la à Póvoa de Santa Iria e fica-nos muito cara. Estamos a ver se o coque nos dá mais conta.

4 Já não tornamos a pedir um rádio porque já nos deram dois, são dois Philips. Um estava depositado no Patriarcado e o outro, estava eu a fazer as notícias quando chegou uma senhora a perguntar-me pelo rádio e eu respondi—sou eu— e os visitantes disseram então: anda cá buscar o rádio ao automóvel e eu fui logo a correr buscá-lo. Quando eu cheguei ao refeitório os rapazes disseram: outro! Até aqui não tínhamos nenhum e agora já temos dois. No sábado de Aléluia o Pai Américo fez a sua palestra na Emissora Nacional e nós tivemos de andar pelo lugar a pedir um rádio emprestado.

Agora já estamos bem servidos. Que bons são os senhores que nos deram os rádios.

5 Há muito tempo que o Constantino andava a pedir ao senhor Padre Adriano para ir a Lisboa, que nunca lá tinha ido. Chegou a altura de ele ir, mas logo por desgraça ao chegar a Lisboa começou a chover. Mesmo a chover quis ir e foi ao Aeroporto. Quando regressava deram-lhe cinco pneus e um saco de roupas e mais algumas coisas.

Como eram muitas coisas e não podiam ir na camionete de carreira alugaram um taxi, mas também por infelicidade quando viam ao meio do caminho o automóvel virou-se e ele ficou mais branco que a própria cal branca da parede. Quando chegou a casa disse que na primeira vez ficou farto de Lisboa.

6 Os presos continuam a trabalhar com toda a força e boa vontade. Agora já vieram mais nove para vor se o trabalho se faz mais depressa. Não se encomodam de ganhar pouco o que eles querem é ganharem para o tabaco. Ficam muito agradecidos quando alguém se lembra deles. Já cá veio o Pai Américo que lhes trouxe dois pacotes completos, veio cá também o senhor Pacheco e não se esqueceu deles. A casa também lho vai dando de vez enquanto, mas como a casa não lhes pode dar muito, e por isso pedimos aos nossos leitores para os fornecerem.

7 Continuam a vir cada vez mais visitas! No primeiro domingo de Abril a casa estava cheia de visitas. Esteve cá também o senhor Governador civil de Lisboa e o senhor embaixador em Madrid. Toda a gente que cá vem vai contente por ver a nossa obra. As nossas laranjeiras estão a carregarem de flores e têm um cheirinho que é uma heleza. Já vários visitantes nos têm pedido para comerem as merendas debaixo delas e nós deixamos com todo o gosto.

AQUI, LISBOA

(Continuação da 1.ª pág.)

ca me conformei com o zelo nada católico dos bons pontífices que cuidam exclusivamente do seu rebanho, sem se importarem com a fome que passam outros rebanhos que também são de Cristo. Gostaria de ver mais largueza de vistas, na largueza do Reino de Deus.

Não são só os Pobres de Coimbra que nos aparecem. São também os curiosos:—Então Lisboa, corresponde?

—Sim, senhores! E muito bem.

Estamos a três meses da fundação da Casa do Gaiato; desde já posso prever, pelo que nos tem cá chegado, que há proporção em tudo o que na cidade é grande: Opulência, Miséria e Caridade. Ai dela se falhasse neste último capítulo! Mas não.

Pelo que nos diz respeito, não era de esperar que tão cedo a Obra lhe despertara a atenção. Já não é possível enumerar as provas de carinho que dispensa aos seus mais infelizes filhos da rua. Pedem-nos que demos publicidade aos donativos, não para vaidade de quem dá, mas para estímulo dos descuidados, mas isso seria fastidioso nesta altura. Temos de contentar-nos com um breve resumo. Começamos pelas lambarices. Vieram amêndoas às dezenas de quilos, 12 boiões de mel, bolos, arroz doce de Lisboa, figos de Torres Novas e ovos de Bucelas; Vieram 6 pneus, alguns pares de sapatos usados, muitos fatos, e roupinhas usadas, 6 colchas, um corte de fato, muitas peugas e alguns lenços e toalhas. Isto no Montepio, na Ig. de Fátima e na firma J. Martins Ferreira L.a. Aqui um parêntesis: Os empregados desta casa, depois dos trabalhos do dia, meteram pela noite dentro a preencher circulares que enviaram a todos os seus clientes. Foi sementeira abençoada.

A última colheita foi de três mil escudos da Companhia Nacional de Navegação. Tem vindo mais farrapões (são agora 23) e vieram trinta reclusos do Limoeiro. A comida chega para todos. E Lisboa que dá. São os visitantes, os leitores do Gaiato, são os ouvintes das igrejas e da Emissora e os espectadores dos cinemas. Eden Condes, Capitólio. Outros espectadores do S. Luis, do Politeana e do Tivoli também dariam se a fita ali desse entrada. Alguém será capás de abrir aquela porta?

Vieram também—galinhas, pintos, patos, ovelhas e suínos mas faltam as vacas.

O que não veio ainda foi o célebre Jeep. Já me disseram que era por falta de gasolina. Se essa é a dúvida, manda-se daqui um gaiato com uns litritos dela ao feliz oferente. Se ele calculasse a falta que nos está a fazer... Avalie só por aqui.

Há dois meses despacharam-nos de Coimbra, em G. V. onze caixotes de mosaico que nos faziam muita falta. Não sei por que bulas, a mercadoria foi parar a Benfica (1.ª despesa).

Depois de vários dias de armazenagem (2.ª despesa) foi daqui um gaiato que levantou o mosaico e o transportou em carroça (3.ª despesa) para Entre-Campos. Pedimos depois ao chauffeur que nos trouxesse para o Tojal o malfadado artigo. Seis vezes foi a camioneta à porta (4.ª despesa) sem conseguir que lhe abrissem o armazem para carregar o mosaico. Fui por duas ou três vezes pedir ao dono, por amor de Deus, que dispusesse as coisas (5.ª despesa) para vir, sem mais demoras o mosaico e cá chegou hoje (6.ª despesa) são e salvo. Feitas bem as contas já não falta tudo para chegar tal despesa aos cinquenta contos que custa um jeep.

Mais um ponto final para terminar.

S. Sebastião da Pedreira não gostou de ficar atrás. Uma senhora chamou-nos lá: queria provar que os habitantes são generosos.

Entrei. Andava a encerar a casa. «Aqui nós fazemos tudo, comida, roupa, limpeza. Tive há tempos uma menina dum asilo, que protestou arrogantemente quando lhe mandei lavar a louça. Nunca tal tinha feito».

Vim a saber que aquela senhora era marquesa! Esta lição vale muito dinheiro.

De lá vieram cinco pneus, duas peças de pano, rendas finas e toalhas, três fatos magníficos, etc. Muito boa prova. Mas uma só, não faz fé. São precisas mais testemunhas, para acreditarmos na generosidade de S. Sebastião da Pedreira. Com um Jeep, ninguém mais poria em dúvida um título que ela gosta de possuir.

P. ADRIANO

Os nossos domingos

Se aos homens que se entregam de corpo e alma fôsse permitido falar ou conhecer sacrifícios. eu havia de dar este nome às ausências do domingo. Saio de Paço de Sousa aos domingos. Qualquer domingo. Oh saudades! Parece que ando por lá e estou aqui! O último domingo, foi em Lisboa, na igreja da Pedreira. Dizem-me que o auditório chama e extremece por aquilo que eu digo. É a minha pena de não estar aqui. O coração fala sempre da sua abundância. Se alegria, comunica alegria. Se dôr, dôr. Por qualquer das coisas se chora e se extremece.

Os nossos domingos! Começa pelo vestir. A riqueza da indumentária. Toda igual, tudo linho. É a roupa da missa. A roupa do domingo. Estas designações, correm paralelas na giria da aldeia. Depois, a hora da missa. A nossa missa. A pedra lisa e mesa do altar. As portas. O cálice de ouro, cravejado. O canto coral. O Avelino é um dos que servem ao altar. É ele que tem à sua guarda o vaso d'ouro. Vai por ele, tira-o do saco de linho e coloca sobre a mesa dos paramentos. Não há missa como a nossa, ouvi eu da boca dele, ao preparar as coisas para o Sacrifício Incruento. Ele vai buscar também as pratas. Era lixo!

A nossa escola de canto é soberba! Impressiona. Cantam todos. Vozes de homens, e de crianças e tudo. A seguir vem a homília; a explicação do Evangelho. É a lição. Naquele domingo era a *Multiplicação dos Pães*. Eu disse do altar que as contas do Pai Celeste, são todas de multiplicar, sem se dividir sem diminuir. E como os rapazes tinham andado toda a semana ocupados com a sementeira das batatas, com isso praguei as contas que Deus faz. *Colocas uma unidade no régo, quantas não há-de colher!* Assim os homens soubessem dividir! Mas não sabem, ou se sabem, não querem.

Outro predicado do domingo, vem da cozinha. Temos caldo melhor. Nós comemos carne uma vez por semana; é ao domingo. Ao domingo também há vinho. Um nadinha dele a cada um. É vinho da quinta. Damos com muita regra e com muito medo.

Por último vem a tarde e com ela os visitantes, os carros ligeiros, os pesados, as motos, as bicicletas — e o jôgo da bola. Tudo isto vai no peito, quando eu saio daqui por esse mundo além, mendigar o nosso pão.

Se não fôra o bem espiritual que nesta missão se recolhe, eu havia de dizer mal, muito mal da minha vida, por ser obrigado a pedir de porta em porta aquilo que o mundo deve. Quando me souberes em Lisboa, aos domingos, feito pobre de pedir, sabe também que levo comigo a ausência da nossa aldeia, que por ficar longe da vista, mais perto a tenho do coração. Disse.

Isto é um trexo da minha vida antes de vir para a Casa do Gaiato

Eu sou o José Maria da Covilhã.

Tenho dezasseis anos.

Não tenho pai nem mãe. Era um desgraçado. Roubava, fumava, pedia, andava sujo e esfarrapado; enfim, tinha todos os vícios maus. Agora encontro-me na Casa do Gaiato, já há cinco anos. Foi aqui que encontrei a minha alegria, o meu bem-estar. Só tenho a agradecer a quem me arrancou da miséria, me deu uma alma nova. Sabem quem foi? Foi a Sra. D. Laura Rodrigues e a Sra. D. Carolina. Pelo meu bom comportamento, tentei pedir ao Sr. Padre Manuel para ir à minha terra. E ele deixou-me.

Sai de Miranda no dia 14 de Março para Coimbra. Assisti a um jôgo de futebol, em Coimbra, entre Benfica e Académica. A's sete e meia da noite parti para a Guarda, onde cheguei às duas horas da manhã. Fui para a Covilhã às sete horas e cheguei lá eram umas nove horas. Dirigi-me a casa da minha madrinha. Foi como me caísse o coração aos pés, ao saber que ela estava junto com um homem. Depois fui visitar a Sra. D. Laura, onde foi muito bem recebido. Fui depois convidado para no dia seguinte lá ir almoçar. Fui visitar a minha tia e a minha prima donde fui também muito bem recebido. Encerrou-se a noite. Jantei em casa da minha prima e dormi em casa da minha tia. No dia seguinte foi almoçar a casa da Sra. D. Laura. Mas antes do almoço contei as minhas mágoas. a respeito da minha madrinha, e pedi-lhe cómodo. Consentiu com toda a boa vontade. Passeei nas ruas da Covilhã, vi obras boas e más. Mas só aproveitei as boas. Já tinha saudades dos nossos bois, dos nossos cães e de todos os discípulos. Regressei à casa paterna assim chamo hoje

Notícias de Miranda

por João Carlos Freitas

Ontem, domingo, foram três rapazes a Coimbra vender o Famoso pelo seu aniversário.

Venderam muitos, perto de 170. Já é qualquer coisinha. Entre os rapazes que foram, foi um de novo que vendeu 50. Foram bastantes para quem não conhecia patavina de Coimbra. Regressaram à noite muito contentes pois todos venderam muito bem. Tiveram algumas gorjetas.

Em viagem de bom comportamento regressou ontem da Covilhã o nosso chefe José Maria. Foi por lá muito bem recebido, não só por pessoas amigas dele, mas também por pessoas amigas da Obra.

Uma senhora, pelo seu comportamento, deu-lhe um relógio do pulso e muita roupa para ele.

Essa mesma senhora deu à Casa, pelo comportamento do Zé Maria, uma peça de fazenda. Deus queira que ela se porte sempre assim bem como se tem portado para ser sempre um bom e exemplar chefe.

Já nasceram três cordeiritos. Foi um delírio. Tudo de volta deles. Olha mais um cordeirinho, exclamava um. Os das ovelhas tiveram de ser proibidos de andarem com eles ao colo. São muito engraçadinhos.

Na quinta-feira o Ti Pedro foi ao Espinhal comprar um boi para ajudar o que nós cá temos na lavoura. E' muito calmeirão e anda muito esquelito. Vamos qualquer dia começar a nossa Lavoura.

As nossas obras estão já mais ou menos adiantadas. Já está tudo forrado. Já andam a pôr a luz eléctrica. Já está feita a escada de caracol. Semana que vem vão começar a chapar o al. Esperamos fazer uma festinha quando for a inauguração.

Lar dos ex-Pupilos

Ainda sobre a partida de 14 rapazes do Lar para terras portuguesas de África, recebemos do Ex.º Director da Colónia de Vila Fernando o seguinte officio, que nos apraz registrar:

«Tendo lido no último número do «Gaiato» que vão partir para as Províncias Ultramarinas 14 antigos internados do Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios e Colónias Correccionais, tenho a honra de rogar a V. a subida fineza de me informar se neste número está incluído algum ex-internado desta Colónia Correccional, a fim de providenciar para que da Caixa Geral dos Colonos lhe seja dado um auxilio para aquisição de vestuário que ele necessita levar. A bem da Nação. O Director a) J. P. Araujo Rombo.»

O officio acima transcrito foi lido em comunidade e exaltado o elevado espirito de simpatia que encerra. Os rapazes ouviram-no ler e ficaram sensibilizados por verem o carinho e interesse manifestadas abertamente naquelas sinceras palavras. Dos 14 que vão partir, 3 encontram-se nas condições indicadas e vão beneficiar do valioso auxilio que o antigo director deles lhes concede.

Temos lido o jornal da Colónia de Vila Fernando intitulado «Ecos da Colónia», e através dele, na secção «Cartas do Paizinho», sentimos, na verdade, o profundo interesse que a direcção daquele estabelecimento tem pelos seus ex-internados, procurando acompanhá-los na vida prática com uma palavra de estímulo, de carinho e de conforto espiritual.

Creemos ser após a sua saída dos estabelecimentos que o rapaz carece de mais orientação, já porque se lança num ambiente totalmente diferente em relação ao desfrutado durante o internato, já porque, nesse ambiente, se deixa arrastar na execução de todas as curiosidades viciosas, acumuladas e recalçadas durante o tempo de internamento.

Os ex-internados de Vila Fernando podem continuar a receber, pela vida fora, aquele apoio moral tão necessário como indispensável para melhor singrarem nos escalpelos das acidentações da vida. Isto, é claro, para os de boa vontade e auto-domínio—únicos a quem uma acção indirecta pode ser ainda um porto de abrigo.

Ao Ex.º Director da Colónia de Vila Fernando, e em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos de admiração.—H. F.

a esta casa, no dia 21 de Março. Regressei contente e alegre com os senhores da Covilhã. Agora só tenho a agradecer pelo nosso famoso jornal, em nome de todos os gaiatos, muitissimo obrigado ao Sr. Rodrigues a grande peça de fazenda que nos deu. Eu também agradeço à Sra. D. Laura a roupa que me deu e o relógio de pulso e a atenção que me prestou. A todos muitissimo obrigado!

JOSÉ MARIA
Chefe eleito de Miranda.

Isto é a Casa do Gaiato

ESTEVE aqui o domingo passado uma família, ao cair da noite. Entraram na capela e viram o espectáculo maravilhoso que ali se desenrolava: os *Batatas* a rezar o terço. Eles nunca o fazem na capela, senão aos domingos. Os mais dias é na sala de estudo a horas desencontradas das nossas. Eu estava fóra, à beira do Cruzeiro, e ouço dos visitantes: *Não tenha medo que a obra não vá abaixo*. De muitos tenho eu ouvido, que a construção das nossas casas é perfeita e duradoura: *Tem casas para séculos*, dizem. De sorte que parece estarmos seguros, mais, porém, pelas mãos postas dos Pequenos. Ali a segurança. Uns de joelhos, outros de pé, outros sentados no chão, conforme os fui topar na ocasião. Uns a dizer, outros a balbuciar, outros calados. Não importa. Cada um deles é trave. Curo-me de muitos males e ganho muita energia, só por ir ao encontro deles, quando juntinhos, nos trabalhos, no refeitório, no dormitório, na oração. Eles são s travel!

Um destes domingos mais chegados, veio à nossa aldeia um grupo de visitantes, operários. De entre eles, destaca-se alguém que vai direito a um dos pequeninos, toma-o nos braços, cinge-o ao peito e exclama: *oh meu filho, o que não sofrestes por lá*. Reconheceu o e disse a história dele. Vale bem a pena a um de nós sofrer no corpo e sofrer na alma, para merecer a consolação divina de livrar de penas imerecidas um inocente; vale a pena. Quem assim honra, quem assim respeita, quem assim ama, a creança conhece Jesus.

PIRIQUITO, foi ontem ó Porto comprar um piriquito. Trouxe dois, gaiola e tudo. Desde então tem sido uma romaria à loja do Piriquito ver os piriquitos. Não há-de levar muito tempo que as aves morram de sede e fome. Eu já lho disse, mas o rapaz não acredita. Jura que não. *Eu trouxe comida do Porto, olhe*. E mostra um saquinho de sementes. E' que ele não conhece bem a senhora dona Perseverança...

A presença destas aves na aldeia, logo sugeriu a ideia de um aviário e lá andam alguns rapazes a fazer os seus recreios com martelos e tábuas e pregos e réde. E fica uma árvore viva dentro do aviário e passa pelo meio um fio d'água corrente e não há-de faltar ali pussarinhos a cantar. Isto fazem e dizem eles. Eu cá, porém, vou por outros caminhos. Eu conheço a tal fulana, que tem dom. A senhora dona Perseverança. Para deitar abaixo projectos, ainda os mais sérios de homens sérios, não há como esta senhora! Tu que sabes e eu que sei...

OZé Sá (ajudante do forneiro) e o Bernardino, (ajudante do cozinheiro) o primeiro de Braga e o segundo de Coimbra e ambos muito simpáticos, andam ocupados na construção de uma barraca, num cabeço da aldeia, aonde contam passar os recreios, no próximo verão. Já os passam agora a fazer a barraca. Eu deixo. Eles também faziam lá fóra o que lhes apetecia, com uma diferença, *apenas*: E' que então, não tinham quem lhes dissesse e agora têm quem lhes diga o que é bem e o que é mal. Só isto, e isto é tudo.

TAMBÉM vejo da escada do meu escritório alguns rapazes a fazerem hortas, as suas hortas particulares, nos campos ao pé da mata. Não distinguo quem são, mas vejo-os a cavar terra, nos sítios aonde não entra o arado. Também deixo. Sei que estas hortas são fontes de discórdia, na maré dos frutos. Não há-de faltar as queixas e o sangue em bica. E eu deixo.

TIVEMOS uma oferta valiosíssima de um vagão de milho, da Federação dos Trigos de Lisboa. Pão. Pão de comer. Come a gente. Comem as galinhas. Comem as pombas, as vacas, os porcos, com sua licença. Farinha. Fortuna. Satisfação. O Senhor Jesus quer que nós aceitemos tudo na vida, e só uma coisa nos ensina a pedir: — pão. O Pão. Pois muito bem. Chegou a Cete o milho e foi-se buscar por quatro vezes, numa camionete. Os nossos rapazes ficaram extenuados e sujos. Muito sujos da poeira do cereal. A derradeira camionete, foi o Avelino à adega por uma pinga; mastigaram e beberam e no final, dirigiram-se à rouparia por roupa lavada e dali aos chuveiros. Eu vi, sem nada dizer. Não mandei. Não impedi. Deixei fazer.

Tenho sido e continuo a ser muito

censurado, por pessoas de virtude e boa fama, que aa instalações das nossas casas, não são devidas à classe de gente que as habita. *Ele estraga. Ele quer fidalgos*. Et coetera, et coetera, et coetera. Eu cá não sou da mesma opinião. Eu acho que o lavar-se em água fria, com sabão, é dado a todo o mortal. Se há um chuveiro, melhor. Se há roupa para mudar, melhor ainda. Se é o próprio rapaz que se sente sujo e delibera ir lavar-se, — ótimo. Sou desta opinião, com licença dos senhores que fazem seus reparos.

O panorama social deixaria de ter as cores que tem, se os filhos das nossas casas encontrassem fóra delas, amanhã, a mesma mãe, e fossem tratados no mesmo tom: água, sabão, roupa, mesa, casa; o necessário a todo o homem que vem a este mundo. Sim. Mudaria de cor. Era o cristianismo implantado na sua magestosa simplicidade. Mas não. Creio bem que não. E' tarde. Agora têm outros a palavra — e que palavra!

TEMOS na Casa de Miranda um rapaz de Lisboa que ouviu ali falar e ateimou em ir ter à casa do Gaiato de Coimbra. Arranjou algum dinheiro para o comboio, que lhe deu até ao Entroncamento. Ali desembarcou. Isto foi em Novembro. Fize uns dias na terra, apanha e vende azeitona, e com o produto, segue até Pombal. Uma vez naquela vila, dirige-se à administração, como ele mesmo informa, e tal simpatia espalha em redor de si, que todos os funcionários o querem por hóspede, até que o vejamos de novo a caminho do seu almejado fim. Isto tudo sabia eu, e ontem, em Miranda, soube do P.º Manuel o que ignorava. *Sabe, refere aquele sacerdote, esteve há dias em Pombal, na Câmara, e ao saberem que eu era da Casa do Gaiato todos se levantaram*.

— E tu cuidas que foi por teu amor que o fizeram?

Não. O jovem sacerdote não cuidou tal. Disse-me que não. Quanto me não alegrei no Senhor, por ver que ele tinha compreendido, quanto! Foi homenagem dos funcionários da Câmara de Pombal ao catraio sem ninguém, que veio por aí acima em demanda do que é seu. Sim, do que é dele. A Obra da Rua é dos rapazes da rua.

ANDAVA aqui no povo de Cete um palhaço reformado, com seu repor-

tório de pantominas. Perto como estava da nossa aldeia, apareceu a ofe-recer os seus serviços e eu disse-lhe que sim. O homem sente-se visivelmente satisfeito e honrado pela aquiescência. Perguntado se poderia ser o espectáculo naquela noite, disse que não; e tomando no semblante um friso de gravidade, dá a razão: *E' que tenho de ensaiar. Venho amanhã*. Achei bem. O artista quis trazer importância a uma comunidade de importância. A' despedida, informa que me tem visto muitas vezes pelas Termas. Nomeou, até, as daquelas onde me vira o ano passado. E rematou familiarmente: *V. também por lá anda*. O também é um advérbio de comparação...! Eu, na verdade, também reconheci o homem e recordei a hora e os lugares aonde nos temos encontrado. A este e a outros do mesmo teor. Mas não tive coragem de me declarar. Não lhe dei o também. Não quis a comparação. Porquê? Por causa da humilhação interior que eu sofro, naquelas horas e sítios, a par de saltimbancos e festeiros,— os bocados amargos da minha vida gloriosa.

FUGIU o Botas. O António da Reboleira. Foi assim: ontem à hora da ceia, deu-se pela falta dele. Outros tem havido, cuja falta só se nota mais tarde, mas neste caso, não. Botas é popular na aldeia. Dá muito nas vistas. Correu logo voz e foi assunto do dia seguinte. *Fugiu o Botas!* Dois dias não eram passados, quando se levanta uma formidável vozearia pelos campos e avenidas do nosso paraíso: *Chegou o Botas!*

Eu acudi imediatamente. Não lhe perguntei porque é que assim tinha feito, de contente que estava pelo seu regresso. Soube que ele fóra linha abaixo até Campanhã; que andou um dia pela Invicta e que agora estava ali feito réu, debulhado: *Eu cá não torno mais a fazer!*

Perguntei-lhe se tinha comido. Não. Botas não tinha comido nada, e foi comer. Pronto. Acabou. Uma cabeçadonha do rapaz. Se há alguém que as não tenha dado, esse que venha cá, que eu digo lhe quem é o Botas e dou-lhe um cesto de calhaus... Que arremesse!

BERNARDINO também fugiu. O caso deste é mais sério e mais triste. Cozinheiro, 16 anos, responsabilidade. Pareceu que foi direito a Coimbra, terra onde nasceu. Tem ali um padrinho, que de vez em quando lhe escreve,

a dizer que o não quer cozinheiro. Enquanto que ele era pequenino, não se importou o zeloso padrinho de o ver andar por lá sem conselhos nem destino. Mas agora deu com ele. *Não quero que sejas cozinheiro*.

E lá foi o rapaz atrás da miragem. Se ele há amigos perniciosos da Obra da Rua, são os senhores mai-las senhoras desta natureza. Teria sido o padrinho? Não sei.

ESTA manhã, de onde estava, vi o Piriquito a dar migalha aos seus 4 pintainhos, de ovos da garnizé, tirados por uma galinha das grandes. Era uma galinha amarela muito grande, a chamar pelos quatro muito pequeninos. Até aqui, tudo vai bem. Do que eu não gostei nada, foi de ver que Piriquito não deixava aproximar outras galinhas que andavam ali perto e também queriam migalhas. Não deixava. Goza ele o benefício duma galinha estranha, que adotou os seus pintainhos, e não deixa que comam migalhas as galinhas irmãs dela! Não gostei.

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

No domingo fomos pedir ao Pai Américo para ir a Cete alugar bicicletas para nós nos entretermos e o Pai Américo gastou vinte escudos conosco.

Eu venho aqui a dizer isto porque os senhores dizem que nós temos muito que fazer com o jornal e temos. Vamos todas as quinzenas ao Porto à expedição, trabalhar como urs negros e damos conta do jornal para os assinantes e respeito de uma bicicleta nada!

Os senhores desta vez parece que não leram a parte principal do jornal em que diz «Entra o famoso nos cinco» em que o Pai Américo pede uma bicicleta para o serviço do escritório.

Eu já sei; a senhores comem muito queija e depois esquecem-se da Casa do Gaiato!

Vá, que não demore muito tempo a vir essa bicicleta para os do famoso porque senão estamos em desacôrdo.

Tá bem assim ou não tá.

Alfredo cronista.

MAIS EMISSORA

Conclusão da 1.ª página

ficante pormenor. A' saída, declarou-me que por amor da sua idade e conhecimentos adquiridos, não pensava nunca encontrar algures, alguma coisa nova. *Pois enganei-me*, disse êle. *Vi hoje uma coisa nova em Portugal*. Sim. Viu o Evangelho em sangue.

Sendo como de facto é baseada na lei eterna da Família, a nossa obra é por isso mesmo uma obra eminentemente social. Nós pretendemos formar homens de bem para a sociedade. Assim, pois, áqueles dos nossos a quem se confiam serviços de responsabilidade, também se lhes paga um jornal adequado. Ficam eles na posse do que é seu. Compram o que precisam, consoante o seu gosto e necessidades. Entram em contacto com a vida. Quando se implantou êste sistema, nunca foi meu proposito obrigar cada um a pedir licença para adquirir os seus objectos de vestir e de calçar. Nunca foi, mas a verdade, verdade muito consoladora, é que eles jamais compram o que quer que seja sem primeiramente me consultar. Nasce-lhes na alma êste proposito. Quem semeia carinhos colhe amor. Mas fazem mais estes adoráveis rapazes; nem sequer se atrevem a pedir algum do seu dinheiro ao tesoureiro da casa, sem virem aonde eu estou, perguntar se o podem fazer. O rapaz que saiu das ruas, não se deixa vencer em generosidade. Quanto mais a gente lhe dá mais êle procura dar-nos a nós. Tenho colhido esta deliciosa experiencia pela minha vida fóra. Sou testemunha e dou testemunho.

Não se pode com verdade chamar ao nosso rapaz um internado. Não se pode, nem eles gostam do nome. Temos muitos deles colocados hoje em varias actividades no Porto e a viver em casa sua, na rua D. João IV. Se acontece alguém fazer-lhes a pergunta se eles estão internados na casa do gaiato, repudiam a palavra vigorosamente e dizem que não. *Nós estamos mas é em nossa casa*, afirmam eles. *Nós moramos na rua D. João IV*. Não querem o nome. Rejeitam.

Tambem eu o faço, por inadequado. Nós so-

mos a lareira. Vivemos em família. Os rapazes são verdadeiramente filhos que vivem livremente como filhos à roda da mãe que os criou.

Os rapazes que vivem e trabalham no Porto, tem um ordenado mais importante do que os da vida rural nas nossas aldeias, mas nem uns nem outros levantam todo o dinheiro que ganham. E' escruturado e dá-se-lhes consoante as necessidades. O resto fica em caixa. Entra no movimento da obra e desta sorte, os nossos pequeninos dinheiros, exercem no mundo uma função social. São canais por onde passa muita alegria e muito estímulo. Em qualquer altura que um se queira ir embora, salda-se a conta. Foi o caso do Amândio, aqui há tempos. Quis sair. Muito bem. Chamou-se pessoa idonea, fechou-se a sua conta corrente, entregou-se o saldo e o rapaz, de contente que se foi, vem-nos visitar vezes a miúdo e se quiser pode regressar. Não temos fundos, mas também não temos medo. O que eu quero é que os rapazes trabalhem e andem contentes. A seiva que alimenta a vida não se vê, mas nunca falta. Assim também, sempre que se torne necessário saldar contas com algum, nesse dia e a essa hora, havemos de honrar o nome da firma. Aqui não há bancarrota.

Aqui deixamos uma palavra grata e fervorosa aos senhores do Montepio, responsáveis por tantos valores que nos tem sido entregues para a Casa do Gaiato de Lisboa; e não só estes como outros senhores, também de Lisboa, que amam e desejam ver reduzido o número de rapazes perdidos pelas ruas da sua terra. Que estes sejam estímulo para mais e mais e mais senhores escreverem o seu nome, silenciosamente, no verdadeiro livro da vida; e assim, quando chegar aquela hora tremenda das contas derradeiras, possam eles escutar com alegria a sentença do Justo Juiz; que também é por amor desta sentença derradeira que eu queimo as pestanas e gasto a vida, tomando por prejuizo tudo quanto não seja êste lucro.